

A MATRONA DE ÉFESO E O SOLDADO: UMA LEITURA SOBRE O RISO, A LINGUAGEM E O PODER NO PASSADO ROMANO E NOSSO PRESENTE

Renata SENNA GARRAFFONI*

Resumo: O artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre as ambiguidades do humor latino como fonte para tratar questões negligenciadas ou marginalizadas pela historiografia sobre Roma, neste caso específico, a agência feminina. Partindo de considerações teóricas sobre a linguagem propostas por Paul Zumthor, do manifesto de Mary Beard sobre as mulheres e a Antiguidade Clássica e da provocação do tema do I CICLA – A inteligência e a boçalidade na Antiguidade –, analiso a anedota da Dama de Éfeso, presente no *Satyricon* de Petrônio, para apontar como o humor, entendido como fluído e multifacetado, pode proporcionar abordagens menos estanques do contexto romano e mais plurais para as mulheres do passado e do presente.

Palavras-Chaves: Feminismo e Estudos Clássicos; Literatura latina; mulheres romanas; *Satyricon*.

Abstract: The of this paper is to discuss how the ambiguities of Latin humor can become evidence to address issues neglected or marginalized by Roman History, mainly the female agency. Considering Paul Zumthor's theoretical approach on language, Mary Beard's manifesto on women and Classical Antiquity and the provocative of the theme of the I CICLA, I focus on the Matrona of Ephesus anecdote, a short story in Petronius' *Satyricon*, to point out how humor, understood as fluid and multifaceted, can provide less normative approaches to the Early Principate and more plural ones for women of the Roman past and our present.

Keywords: Feminism and Classical Studies; Latin Literature; Roman women; *Satyricon*.

* Departamento de História/UFPR. E-mail: resenna93@ufpr.br.

Introdução

O mundo da Antiguidade, para mim, é um mundo perdido, com o qual minha ignorância não permite senão uma relação de fantasia, cheia de imaginação, alimentada por hipóteses, sugestões.

Federico Fellini¹

Paul Zumthor (2007), em uma reflexão publicada mais ao final da sua vida, discute a importância da imaginação crítica nos meios acadêmicos. Baseado em sua experiência de quase cinquenta anos trabalhando com textos poéticos medievais, argumenta que, quando lemos um texto de temporalidade distante da que vivemos, temos que ter em mente dois aspectos ao menos: a alteridade e a particularidade do discurso narrativo. Isso significa que, ao ler um texto medieval, é imprescindível o questionamento sobre as temporalidades e a linguagem, ou seja, uma atenção especial ao diferente e o particular do encontro entre o texto do passado e nosso presente. Essa fricção, que pode se desdobrar em múltiplas temporalidades, já que o mesmo texto pode ter sido lido por diferentes pessoas até o nosso presente provocando uma miríade de sentidos, é fundamental no estabelecimento do diálogo entre singularidades, pois o outro, já morto, é recuperado pela erudição. Compreender a linguagem, em suas múltiplas dimensões, é, portanto, fundamental para uma reflexão mais aprofundada da experiência do leitor ou da leitora com relação ao texto de outros tempos. Partindo dos debates que se desenvolvem na década de 1950 em diante, que reconhecem a linguagem como constituída a partir de relações de poder e que foram fundamentais para a mudança, inclusive, na própria escrita da História, Zumthor nos apresenta o texto não como algo fechado, mas como “coesões soltas” que nos convida a criar e nos posicionar diante dele.

Abrir um texto de uma forma tão poética e tornar a leitura uma experiência consciente de diálogo entre diferenças por meio da multiplicidade da linguagem é um método que defende, de forma apaixonada, a vida e a diversidade cultural humana. É por essa razão que, ao explicitar seu entendimento de performance e recepção, as descreve no encontro da antropologia e da história, sendo a performance o imediato, a forma de ler e se expressar (antropologia) e a recepção o processo, o entendimento de que o texto, depois de criado, pode ir além do tempo de vida de seu criador, tendo, portanto, uma história. Sendo o texto um conjunto de “coesões soltas” no tempo que o preserva e atravessado pela imaginação crítica o encontro autor/leitor (ou ouvinte) precisa ser compreendido nos movimentos que causa. Ou seja, por meio dos textos literários de outras épocas, percebemos a vida, a criação latente, pois trabalhar esse encontro entre passado e presente e, conseqüentemente entre múltiplas linguagens, significa se abrir para diferentes formas da experiência humana e redimensionar a própria existência. A literatura em geral e a poesia em específico tem, então, uma materialidade que, para Zumthor, se dissolve no leitor criando novos textos e novos hábitos culturais. Neste sentido, o momento da leitura de um texto do passado é, também, o momento no qual performance e recepção se articulam ou, em outras palavras, o momento da relação leitor/ouvinte com o autor, um processo histórico que passa pelo corpo, irradia percepção sensorial e, finalmente, se transforma. Em sintonia com as discussões propostas por Gadamer, Iser ou Jauss, Zumthor incentiva que o leitor seja ativo e, historicizando o processo,

¹ Comentário retirado do livro com entrevistas de Fellini concedidas a Fofi e Volpi (FELLINI, 2012, p. 103).

defende que a linguagem atravessa o tempo biológico do criador do texto para irrigar novas ideias no presente de quem lê. Recepção não seria, enfim, mera informação, mas um processo que permite com que o texto lido esteja aberto e em constate transformação.

Embora Zumthor tenha se dedicado aos textos medievais, tanto essas considerações aqui resumidas como sua percepção nômade da existência humana — que busca na linguagem fluidez e encontros entre passado e presente (ZUMTHOR, 2005) — são referências importantes para os Estudos Clássicos, afinal Zumthor incentiva quem se interessa pela literatura de outros tempos a não entendê-la como modelo a ser seguido ou emulado, mas a situar-se e, a partir das narrativas, criar outras leituras possíveis, atualizando os debates, criando novas perspectivas de entendimento do passado e do presente. Esta perspectiva tem inspirado minha prática docente nos últimos anos, afinal, como estudiosa do mundo romano e de algumas de suas obras satíricas, intermediar o riso do passado no presente dos e das estudantes nem sempre é fácil e pode causar desconfortos. É por isso que entender a recepção como um processo histórico e a importância da imaginação crítica no trato com os textos tem sido uma experiência de troca e diálogo bastante enriquecedora, pois encarar as tensões e buscar, em sala de aula, formas de construir leituras mais libertárias sobre o passado é uma forma de se posicionar e questionar leituras autoritárias de mundo.

Nesse contexto, entendendo a linguagem como múltipla e a experiência da leitura como encontro e diálogo com a alteridade com potencial de transformação de si, o presente artigo tem como objetivo propor uma breve reflexão sobre um tema que me é caro: as ambiguidades do humor latino como fonte para tratar questões negligenciadas ou marginalizadas pela historiografia sobre Roma, neste caso específico, a agência feminina. Partindo do Manifesto de Mary Beard (2018) sobre as mulheres e a Antiguidade Clássica e da provocação do tema do I CICLA — A inteligência e a boçalidade na Antiguidade — busco apontar como o humor, com sua linguagem fluída e multifacetada, pode proporcionar abordagens menos estanques e boçais do passado romano e mais libertárias para as mulheres no presente.

Um encontro do Feminismo com os Estudos Clássicos: apontamentos sobre o Manifesto de Mary Beard

Mary Beard, em 2017, publicou um livro instigante que não passou despercebido: *Women and Power – a manifesto*². Não é incomum, entre as feministas na academia, a publicação de manifestos como meio de apontar problemas e enfiamentos teóricos-políticos necessários no campo da ciência e da produção do conhecimento³. No entanto, o que chama atenção nesta publicação de Beard é seu potencial de ir além não só do seu objeto específico, a Antiguidade greco-romana, como também do público esperado, a academia. Sua narrativa ágil e linguagem oral permitem um alcance muito além dos muros da academia, de certa forma cumprindo aquilo que se espera de um manifesto: tocar as pessoas e provocar reflexões onde quer que estejam. O manifesto, texto literário

² Será utilizado, neste artigo, a versão em português, por isso citado como BEARD, 2018.

³ Cf, por exemplo, Manifesto Ciborgue ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX de Donna Haraway, original de 1985, tradução no Brasil de 2019.

característico da Modernidade, conforme proposto por Vanessa Bortulucce (2015), ainda se mostra vivo em plena era digital e com capacidade de mobilizar reflexões no contexto dos Estudos Clássicos. Como gênero literário, o Manifesto tem sua própria História. Vanessa Bortulucce (2015) aponta suas principais características: um chamado público, de caráter persuasivo, prenhe de vocativos que conclama as pessoas a algum tipo de mudança. Tem uma forma um tanto quanto livre, não sendo nem tão curto e nem tão longo, com verbos em geral no presente e muitas vezes escrito de modo imperativo. Surgido em língua francesa no século XVI como um escrito público no qual políticos divulgavam seus princípios ou explicavam sua conduta, foi se transformando ao longo dos séculos e, mesmo que no século XVII já tenha alcançado outras línguas, seu caráter eminentemente político como declaração de uma liderança, do Estado ou de um partido segue predominante até o final do século XVIII. Segundo a estudiosa, há exceções, pois em alguns momentos se deslocam do Estado para civis em rupturas sociais ou culturais, em especial de caráter religioso, mas é somente com a Revolução Francesa que irrompe a possibilidade da autoria popular, passando assim a ser um chamado revolucionário. Essa virada de sentido do gênero atinge seu auge em 1848, quando Marx e Engels escrevem o *Manifesto do Partido Comunista*, criando um texto que, segundo Bortulucce (2015, p. 7), consagra sua estrutura com uma "(...) análise do panorama da situação, para em seguida divulgar, de modo programático, as intenções e atos de mudança".

É na virada do século XIX para o XX que o manifesto finalmente sai do campo político e entra para o campo das artes e da literatura a partir das vanguardas modernistas. É neste momento que Bortulucce (2015) aponta sua outra transformação: as vanguardas inauguram uma reflexão sobre as formas de escrita do manifesto, uma reflexão sobre sua poética. Nas artes, portanto, o manifesto é, inicialmente, um texto que antecede a vanguarda, mas aos poucos se desloca de uma programática para a experiência estética em si, ou seja, traz em sua estrutura o novo, refletindo sobre o desconforto das artes e das letras no contexto capitalista. É uma forma de comunicação que vai além do texto, pois se caracteriza pela ação e deixa fluir esperanças, fantasias, desejos e as próprias contradições da Modernidade.

Retomo aqui essas reflexões de Vanessa Bortulucce, pois são importantes para entender o texto de Mary Beard (2018). Embora Beard explique no prefácio que o seu livro é composto por duas palestras com reflexões múltiplas sobre passado e presente, tendo a literatura greco-romana e o lugar das mulheres como seu principal objeto de análise, não tem como passar despercebido a escolha do subtítulo, *um manifesto* ou no original em inglês, *a manifesto*. Essa escolha insere a obra dentro do gênero e o retoma em um novo contexto, pois, conforme já mencionado, esta é uma prática política entre as feministas para chamar atenção para problemas inerentes à desigualdade de gênero na academia. O texto de Beard claramente aponta uma questão pouco debatida ainda no campo dos Estudos Clássicos, o silenciamento das mulheres nos espaços públicos e o uso dos textos greco-romanos como justificativa para tal fim e conclama leitores e leitoras para refletir sobre esta situação, fruto de tantas insatisfações entre as mulheres. No prefácio deixa claro que sua intenção é explicitar às mulheres que se frustram em ambientes públicos que o problema não é delas, mas que há uma tradição — que precisa ser confrontada e questionada — na qual se usa de exemplos deslocados do contexto greco-romano para definir o espaço público como masculino, portanto,

inadequado às mulheres. No posfácio apresenta suas preocupações futuras, como reconfigurar essas noções de poder que excluem as mulheres, como questionar a noção de liderança vigente, em grande medida, branca e masculina. Entre ambos estão as palestras, didáticas, combativas, provocativas, compostas em uma oralidade que cativou seus ouvintes e segue incomodando quem lê sua versão impressa. E assim, trançando paralelos entre determinadas leituras de Homero e suas implicações políticas no mundo atual, Beard transita entre diferentes tradições literárias se expressando de um modo mais livre e menos acadêmico, mas com erudição, estremecendo as certezas e estimulando a imaginação crítica, no sentido proposto por Zumthor que comentei ao início. Mesclando gêneros como a oralidade de uma palestra acadêmica, as propostas de ação de um manifesto, os estudos de recepção da poesia greco-latina e as propostas feministas, o texto de Beard provoca reflexões sobre os avanços e obstáculos que mulheres que atuaram/atuam na vida pública, em qualquer esfera, enfrentam/enfrentaram no passado e presente.

Seu caráter multifacetado traz consigo a erudição da classicista e, ao mesmo tempo, a fluidez da oralidade, tornando o livro bastante acessível. Essa característica, além de atingir um público diverso, também o transforma em uma ferramenta importante para o ensino dos Estudos Clássicos em diferentes contextos universitários, afinal tanto é compreensível para quem está entrando na graduação como permite reflexões mais aprofundadas para quem já está avançando nos estudos em âmbito de pós-graduação. Os debates que dele emergem são sempre acalorados, noto, em sala de aula, que estudantes não deixam de se posicionar e não é incomum relatos de mudança de perspectiva com relação ao entendimento da Antiguidade Clássica, de uma compreensão da relevância do estudo das línguas grega e latina até então desconhecida, além, claro, de tornar mais evidente a percepção dos jogos de poder em que determinadas leituras do passado se constituem e como é possível questionar e se posicionar. Não foram poucas as estudantes que se surpreenderam ao encontrar debates feministas no campo dos Estudos Clássicos, percebendo que há diferentes possibilidades de leituras de uma obra grega ou latina e que, mesmo em sociedades patriarcais, há como trazer à tona a agência feminina. Este manifesto, lido em conjunto com uma outra obra sua, *Confronting the Classics* (BEARD, 2013), permite questionar noções de senso comum em que o mundo greco-romano estaria datado e “empoeirado”, sem novidades, transformando-o em um mundo aberto a novas leituras, que precisa e deve ser confrontado. É, de fato, uma excelente entrada para questões mais complexas como, por exemplo, se ainda faz sentido traduzir/estudar esse passado tão distante e, se sim, como fazê-lo? Seguir admirando como modelo branco/masculino/heteronormativo/eurocêntrico de poder como foi feito em algumas leituras do século XIX em diante ou procurar novos sentidos? Afinal se os Estudos Clássicos foram usados para sustentar teorias raciais ou ditaduras, também inspiraram revoluções, aberturas, novas éticas políticas e diferentes tradições de pensamentos humanistas. Escolher o caminho a seguir na leitura dos textos greco-romanos é posicionar-se, construir um lugar de autonomia intelectual e, portanto, implica em uma atitude ativa diante da tradição.

Nesta perspectiva, estamos diante de uma mistura pouco usual, mas que tem cativado estudantes: uma estudiosa reconhecida internacionalmente no campo da Antiguidade Clássica que não se furta de se posicionar sobre a política

atual não só em suas palestras para academia, afinal no manifesto discute, inclusive, o *impeachment* de Dilma Rousseff, como nas redes sociais. Conhecida pelas suas posturas combativas no *Twitter* durante o *Brexit*, a estudiosa tece seus argumentos nas arenas digitais confrontando a extrema direita, indicando, na prática, os efeitos da atuação de uma mulher nas redes sociais: a violência e o silenciamento a que muitas vezes foi submetida, mas, também, as possibilidades de confronto e mudança. De certa forma, esse trânsito entre linguagens distintas a aproxima da juventude atual, gerando reflexões sobre a condição feminina, sobre o patriarcado, sobre as desigualdades de gênero dentro do próprio campo dos Estudos Clássicos. Não que isso seja de toda uma novidade, pois desde a década de 1970 as feministas atuam no campo dos Estudos Clássicos e hoje, cerca de cinco décadas depois, é inegável as alterações no campo epistemológico com destaque para a relevância das pesquisas sobre as mulheres para um entendimento mais plural do mundo greco-romano. O que a postura nas redes sociais e o manifesto de Beard provocam de diferente, do meu ponto de vista, é um engajamento dos mais jovens tanto teórico, como metodológico, como de atuação pública, incentivando o conhecimento interdisciplinar e a curiosidade sobre como a linguagem e poder se articulam, potencializando tanto os estudos sobre o lugar das mulheres no contexto greco-romano como reflexões sobre as diferentes formas de recepção deste passado na constituição de relações de poder no presente. De certa forma, estes debates inflamados em sala de aula provocados pelo manifesto, mesmo nas remotas em tempos de pandemia, é que me inspiraram a voltar a *Dama de Éfeso*, anedota que está no *Satyricon* de Petrónio e, por meio do humor, verificar o seu potencial de desestabilizar algumas certezas, tema que passo a me dedicar a seguir.

Uma dama, um soldado, outras leituras

O *Satyricon* de Petrónio é uma obra literária que me acompanha desde meu ingresso na graduação em 1993. Em alguns momentos esteve mais presente, como durante o mestrado em que o *Satyricon* foi parte da base documental da pesquisa sobre bandidos e salteadores (GARRAFFONI, 2002). Outras vezes teve um protagonismo menor como durante o doutorado (GARRAFFONI, 2005; 2021) quando, para me aprofundar no estudo sobre o cotidiano dos gladiadores, dediquei-me mais ao trabalho arqueológico ou mesmo quando me tornei professora na UFPR, a partir de 2004, pois boa parte das pesquisas que realizei focou mais nos debates epigráficos, escolhendo como estudo de caso Pompeia e os seus grafites de parede. Nessas idas e vindas, Petrónio voltou a minha atenção de maneira inesperada e renovada em 2012. Nessa ocasião, como era tutora do PET-História, coordenei uma pesquisa coletiva com os e as estudantes do grupo sobre a *Revista Joaquim* editada por Dalton Trevisan no final da década de 1940⁴. Para desenvolver a análise e orientar a pesquisa fiz a leitura da tese de Sanches Neto (1998), que tratava do tema. Qual não foi minha surpresa ao descobrir na tese que Curitiba, desde o Simbolismo de Cruz e Sousa e Dario Vellozo, tinha uma ampla e criativa relação de recepção da literatura greco-romana. Aos poucos fui

⁴ Fui tutora do grupo de setembro de 2010 a agosto de 2016, sem dúvida a pesquisa sobre a revista *Joaquim* realizada em 2012 foi decisiva para o desenvolvimento dos estudos que venho realizando atualmente. Sou imensamente grata aos e às estudantes que colaboram com o trabalho coletivo naquele ano e ao apoio financeiro vinculado ao PET-História para sua realização.

me inteirando mais sobre o tema e, atualmente, tenho pesquisado mais a fundo as vertentes filosóficas e literárias greco-romanas que fundamentaram os movimentos literários curitibanos, buscando entender a relação entre Literatura Simbolista, Antiguidade e Modernidade em Curitiba da virada do século XIX e sua recuperação posterior por Paulo Leminski (GARRAFFONI, 2018).

Tradutor polêmico de Petrônio e com uma versão própria das *Metamorfoses* de Ovídio, uma obra pouco conhecida, a *Metaformose*, Leminski, por meio de suas críticas ácidas e humor irreverente me reaproximou do *Satyricon* e trouxe junto um novo interesse: a presença da obra romana em contextos de contestação social. É por isso que, nos últimos anos, tenho feito estudos sobre como Leminski insere o latim em sua poética inspirada na Tropicália ou a adaptação quase lisérgica de Federico Fellini da obra para o cinema. Este reencontro com Petrônio, intermediado pelas traduções/adaptações de Leminski e Fellini, alterou minha percepção sobre o humor da obra, pois tanto um como outro captam da obra de Petrônio o riso dionisíaco e exploram seu caráter subversivo, tão caro aos movimentos contraculturais que ambos dialogaram em suas leituras. Foi o potencial desestabilizador do riso que me inspirou a retomar uma antiga parceria com Funari⁵ e, assim, em 2019 publicamos um texto em conjunto sobre as mulheres romanas, no qual o *Satyricon* tinha um papel relevante como fonte histórica (GARRAFFONI, FUNARI, 2019).

O capítulo, parte de um livro sobre mulheres romanas que reuniu especialistas do Brasil e da Espanha para debater o tema, tinha como objetivo central contribuir com a crítica ao essencialismo e androcentrismo, destacando a relevância da produção feminista para a construção de novas análises da cultura material e da Literatura romana. Para tanto, a argumentação foi dividida em três momentos: um primeiro de discussão sobre os impactos das teorias feministas nos estudos sobre a Antiguidade, um segundo momento no qual o episódio da Dama de Éfeso, anedota presente no *Satyricon* de Petrônio, foi lida a contrapelo da comicidade para apresentar uma série de ações das mulheres pouco estudadas na historiografia e, por fim, em um terceiro momento, discutimos os grafites parietais de Pompeia – foi selecionado um pequeno *corpus* de grafites para questionar aquilo que muitos defenderam não existir, a escrita das mulheres romanas. A opção pelo *Satyricon* como documentação textual foi estratégica, pois além do humor, que tem a capacidade de desestabilizar certezas, Petrônio, tendo vivido no século primeiro de nossa era e, portanto, contemporâneo aos grafites parietais analisados, lança mão do *sermo humilis*, o que o aproxima muito das formas de escrita encontradas nas paredes pompeianas. Trata-se, então, de uma aproximação pautada na linguagem que, embora em dois contextos distintos, um literário e outro material, permite perceber as diferentes formas da agência feminina no início do Principado romano. Ou seja, o capítulo carrega em si análise filológica combinada com abordagem feminista para trazer à tona os desejos e atitudes de mulheres de diferentes camadas sociais no início do Principado romano.

Retomo aqui algumas análises filológicas que fizemos naquela ocasião acerca da anedota sobre “A Dama de Éfeso”, para discutir, na sequência, alguns novos pontos de reflexão que surgiram mais recentemente, após a minha leitura do manifesto de Mary Beard e uma inserção mais aprofundada nos estudos de

⁵ Uma versão inicial, bem mais modesta e de caráter mais ensaístico, do potencial da obra de Petrônio para pensar agência feminina foi publicada em 2008, cf. FUNARI e GARRAFFONI, 2008.

recepção da adaptação de Fellini ao cinema, em especial ao caráter dionisíaco que emerge das telas do cinema.

Conforme já destacado, a anedota é parte do *Satyricon*, obra de Petrónio cuja principal característica são os exageros cômicos da narrativa, escrita predominantemente em prosa⁶. Narrada em primeira pessoa por Encólpio, a obra, que chegou até nós é bastante fragmentada e acompanha sua saga de viagens ao lado do seu escravo Giton com encontros e desencontros com Ascilto e Eumolpo, que se alteram na disputa com Encólpio pelo amor de Giton. A anedota da Dama de Éfeso é contada a Encólpio e demais marinheiros quando estavam a bordo do navio de Licas em uma das viagens narradas na obra. É uma historieta sobre uma mulher muito casta que, diante da morte do marido, resolve ser encerrada viva em sua tumba junto com uma escrava. Alguns dias depois do ocorrido, um bandido é crucificado ali perto e um soldado é destacado para tomar conta da cruz para que ninguém retirasse o corpo para enterrar. O soldado ouve os lamentos da mulher e, dia após dia, tenta dissuadi-la da ideia de permanecer à espera da morte, tendo como aliada a escrava. Primeiro divide a comida com a Dama, depois conversa e, ao final, se tornam amantes. Em um desses encontros, alguém retira o corpo da cruz e enterra o bandido. Ao saber do ocorrido, o soldado se desespera, pois seria punido com a morte; vendo sua agonia e preocupada com a possibilidade de perder o amante, a Dama tem uma ideia: colocar o corpo do marido morto na cruz para substituir o que havia sido roubado. A anedota termina com a afirmação de que ninguém havia entendido por que o bandido, já enterrado, preferiu voltar a cruz, o que causa a explosão de riso nos ouvintes.

O que chama atenção na narrativa original em latim são os jogos de palavra que Petrónio emprega, as ambiguidades dos vocábulos escolhidos, os duplos sentidos de alguns, ao mesmo tempo que expressam relações de poder e delas zombam, dificultando, muitas vezes, a tradução. Destaco aqui alguns exemplos que analisamos naquela ocasião⁷:

1. expressões para se referir à Dama: logo de início, matrona, uma senhora, caracterizada pela pudicitia, a ponto de atrair para si (ad spectaculum sui) as feminae da vizinhança. O marido é descrito como uir. Ao se tornar viúva e encerrar-se na tumba, torna-se "mulher de exemplo singular" (singularis exempli femina). Já quando o soldado se aproxima dela, é descrita como pulcherrima muliere - mulier se encontra no extremo oposto ao elevado matrona. Quando o soldado tenta dar comida, a palavra usada para se referir à senhora abaixa para muliercula, expressão não tão frequente na literatura antiga, cujo sentido é um tanto depreciativo ("uma mera mulher"), tal como o masculino homunculus;

2. expressões para se referir à escrava: mulher de status social mais baixo (ancilla), responsável por convencer à Dama a falar com o soldado, pois é a primeira a ceder. Descrita como abstinentia sicca, "seca pela abstinência" ou jejum, como em algumas traduções, aqui o duplo sentido é claro, uma vez no texto fica evidente que não estava somente com fome ou sede, mas também em abstinência sexual;

⁶ Sobre estudos e tradução do *Satyricon*, cf., por exemplo, as traduções no Brasil de Aquati (2021) e Bianchet (2004) e a obra de Walsh (1995).

⁷ Destaco aqui alguns termos como exemplo no contexto desta reflexão. Para o original em latim da anedota e a sua análise completa, cf, GARRAFFONI e FUNARI, 2019, p. 285-288.

3. expressões para se referir ao soldado: tendo estabelecido o desejo das mulheres, o tom ambíguo acentua-se para o soldado. Miles amante ou soldado dependendo do contexto, jogo de palavras impossível de se manter em português, mas sempre presente no original latino. O soldado aproximou-se com carícias (*blanditiae*), palavra que caracteriza, na literatura amorosa latina, as mulheres e que se opõe, aqui, à *abstinentia sicca*. O soldado, encantado pela beleza da mulher e pelo segredo, torna-se *delectatus*, termo ambíguo e pode significar tanto atraído, como se deleitando, aproveitando.

De forma geral, os termos mais usados são *mulier* e seus derivados (7 ocorrências), *miles* (6), *femina* (4), *matrona* e *uir* (3 cada) e *uxor* e *maritus* (1 cada). Essas frequências indicam o predomínio, no relato, do par *mulier/miles*, que degradam a relação respeitável, representada por *uxor/maritus* e *matrona/uir*. O texto se inicia, portanto, com termos mais eruditos, segue a degradação, em particular da esposa, divertindo os ouvintes. Avançamos a análise considerando a agência da senhora para reverter o infortúnio do amante, pois neste momento entendemos que, mesmo dentro do limite textual de causar o riso, Petrônio não teria descrito as mulheres de maneira uniforme, mas em uma variação de possibilidades que vai da postura casta e cordata a atitudes não esperadas, como liderar enquanto o soldado obedece.

Nessa leitura, aqui bastante resumida, enfatizamos a agência feminina, seja da Dama como da escrava. No entanto, após a publicação do texto e ao me aprofundar nos estudos sobre recepção, em especial a adaptação da obra de Petrônio por Federico Fellini ao cinema em 1969, me chamou muito atenção a forma como o cineasta retrata os soldados romanos no filme como um todo: não há, na adaptação de Fellini, nenhum soldado nobre ou herói, como poderia ser esperado em um filme sobre Roma. Ao contrário, seus soldados são inertes, lentos, com cicatrizes, sem braços ou pernas, submissos (neste caso o grande exemplo é o soldado que obedece à Dama, pois a anedota está presente no filme, embora deslocada no contexto da narrativa aparecendo no banquete de Trimalcão e não no navio de Licas como no original). As cenas em que os soldados aparecem são escuras ou mesmo, diria, sombrias, algumas repletas de sangue, muito distintas do brilho e da leveza que emerge na tela quando os jovens amantes — Encópio, Ascilto e Giton — aparecem em suas viagens. Algo semelhante se nota com a presença das mulheres no filme de Fellini, além das cores vibrantes e a leveza dos tecidos que compõem seus figurinos, são diversas (há jovens e velhas de diferentes origens étnicas), poderosas, falam, agem, dançam, transmitem vibração ao som de uma trilha que oscila entre tambores. Tanto os jovens amantes como as mulheres dançam e riem, têm vontades e sonhos, enquanto os soldados quase se arrastam em movimentos lentos e seus trajes de tons predominantemente cinza. Essa contraposição é tão evidente que rapidamente se entende que não foi fortuita, portanto, a escolha de Donyale Luna, a primeira modelo negra capa da *Vogue* (1966), para fazer o papel de Enotea, a feiticeira que devolve a virilidade perdida de Encópio. Conhecida por sua atuação em círculos de Andy Warhol e da cena alternativa do rock da época, Donyale Luna sem dúvida desempenha um papel importante na conexão dos jovens romanos de Petrônio com os movimentos de contestação cultural da época do lançamento do filme. Vale lembrar que seu figurino também se tornou icônico: criado por Fellini, o figurino

de Eontea/Donyale foi a inspiração de Jean-Paul Gaultier fazer o famoso corset da Madonna para a turnê *Blonde Ambition*, gerando, de certa forma, na cultura pop, uma relação surpreendente entre antirracismo, liberação sexual, desejo das mulheres e a literatura romana (GARRAFFONI e BONADIO, manuscrito inédito; VETRO, 2015).

Destaco aqui esses elementos do filme, pois esse jogo de luz e sombra, de brilho, cores e penumbra, iluminando corpos dissidentes e destacando o horror dos soldados, tradicionalmente heróis, é, do meu ponto de vista, sem dúvidas, muito sagaz. Se considerarmos o proposto por Lorna Hardwick (2003), que entende, assim como Maria Wyke (1997), que a recepção da Antiguidade Clássica pode gerar obras em outros contextos que têm a capacidade de renovar nosso olhar sobre o texto de origem, essa proposta estética de Fellini me intrigou e fez enxergar que, de fato, analisamos pouco as piadas feitas com soldados e os cidadãos quando tratamos obras cômicas como fonte histórica. Ou seja, a adaptação de Fellini do *Satyricon*, no auge da contracultura e da chamada revolução sexual, com seu riso dionisíaco e feroz crítica ao fascismo e ao culto do herói militar no cinema de sua época, libertando desejos de homens e mulheres e apontando o lado perverso da guerra, aliado às críticas de Mary Beard de como as mulheres são retiradas de contextos literários greco-romanos, na grande maioria das vezes para justificarem silenciamentos, me instigou a refletir sobre um aspecto pouco discutido, a desigualdade de gênero nas leituras acadêmicas. Há, sem dúvidas, um predomínio de leituras negativas sobre as mulheres e um enobrecimento da liderança masculina, como apontado por Beard, mas há um não dito importante: nos textos zombeteiros romanos, sejam as sátiras como as comédias, os soldados e cidadãos são colocados em xeque, afinal, no caso dos soldados, não é incomum a austeridade esperada desaparecer cedendo lugar ao amante submisso, fanfarrão ou bêbado.

Em um primeiro momento, pode parecer inusitada a conexão que realizo aqui, mas o fato é que, por meio do método de Zumthor, que estimula o diálogo intertextual, das propostas de Lorna Hardwick e Maria Wyke sobre como o estudo da recepção proporciona novas leituras da obra original e do manifesto de Mary Beard sobre a recepção das mulheres e sua constatação de que autores greco-romanos têm posições diversas diante das mulheres, mas que alguns discursos captam representações específicas, junto com a oportunidade de voltar ao filme de Fellini mais recentemente, pareceu razoável juntar estes pontos nesta reflexão para destacar algo que passou a me incomodar. Os romanos, por meio do riso, invertiam posições de homens e mulheres, eram ambíguos com ambos, faziam trocadilhos ácidos provocando os costumes em todas as instâncias, além de retorcer as crenças e o status social. Resta-nos, portanto, questionar por que romanos seguem no imaginário popular e ainda em muitas leituras acadêmicas como soldados virtuosos e as mulheres como ardilosas ou ambiciosas, como fora de lugar.

Talvez a explosão de cores de Fellini e o seu jogo de luz e sombra que ilumina corpos e desejos dissidentes e obscurece soldados, tirando-lhes as palavras, pois muitos ou são mudos ou somente gritam/grunhem, ainda hoje pode funcionar como um alerta. Sua metáfora antifascista e defesa da diversidade humana, de crítica do predomínio da pulsão de morte sobre a vida, atrelada ao manifesto de Mary Beard contra os silenciamentos ainda impostos às mulheres, em especial em um momento de forte retomada de discursos sexistas, nos provoca

e estimula a rever como lemos os textos cômicos ou satíricos dos romanos. Afinal, se o humor é lugar de múltiplos sentidos, então, se quisermos avançar em leituras mais balanceadas sobre o contexto romano e as interações entre homens e mulheres de diferentes origens e status, obras de Juvenal, Plauto ou Petrônio, assim como outros autores que lançam mão do riso em seus textos, não podem ser desprezadas como testemunho da diversidade e das tensões sociais e de gênero.

Desse modo, se ainda alguns textos greco-romanos são usados para justificar o silenciamento da mulher no espaço público, como afirma Beard, o caso da Dama de Éfeso permite alguns contrapontos: a dama, esperada casta, tem desejos, tem inteligência e irreverência para resolver um infortúnio; o soldado, esperado virtuoso no cumprimento de seu trabalho, falha. Essa tensão aparece nos termos, nos jogos de palavras e expressa os desejos de ambos de viver, se alimentar, gozar dos prazeres. Se há um equilíbrio nos termos, nas inversões e ninguém escapa ao estilo zombeteiro de Petrônio, nem a Dama, nem a escrava, nem o marido morto, nem o soldado e nem os parentes do bandido, por que, então, a Dama é lida como ardilosa, mas pouco se diz sobre o soldado que não cumpre seu dever e segue seu desejo? Ou de forma mais ampla, por que o caráter cômico é transformado em verdade negativa ao se retratar mulheres em tantos textos historiográficos e sequer é mencionado o caso dos soldados ou cidadãos ridicularizados em tantas obras de caráter satírico ou cômico? Perceber essas desigualdades nas leituras e buscar alternativas a elas é, do meu ponto de vista, fundamental, para avançarmos na produção de conhecimento crítico e mais plural do passado romano. Um desafio que precisa ser encarado com urgência.

Considerações finais

As reflexões aqui propostas partem, como mencionado, de dois pontos bastante específicos, a experiência em sala de aula com o manifesto de Mary Beard e seu potencial de engajar jovens na busca de outras leituras sobre o passado greco-romano e a provocação do tema do I CICLA, inteligência e boçalidade. Como cada vez mais o humor tem me interessado em especial pelo seu potencial dionisíaco e de subversão da linguagem, optei por explicitar alguns pontos que acredito que possam contribuir com o debate. Não foi minha intenção aqui apontar uma leitura fechada, pois inspirada por Zumthor, acredito ser mais interessante buscar leituras alternativas do passado antigo pelo viés interdisciplinar, no caso História e Literatura romana e, por meio da linguagem e suas conexões possíveis explorar o cruzamento temporal, já que está implícito, também, a relevância de se pensar o momento da leitura e a nossa posição no discurso.

Os autores teóricos em que me apoiei defendem, cada um a seu modo, a necessidade de ruptura com modelos interpretativos estáticos de narrativas sobre o passado, o tensionamento de seus limites e a criação de novas possibilidades de expansão da linguagem em suas diferentes formas. Estimulam o trânsito entre diferentes temporalidades e formas de escrita. Se considerarmos que somos seres de narrativa e linguagem, como propôs Zumthor, se quisermos avançar nos estudos sobre o passado é preciso conhecer o aspecto do documento, da erudição, da coleta de dados, mas também ter em mente que, no final, ao escrever, o/a intelectual apresenta sua versão daquela cultura no seu presente. Neste sentido

— e aqui compartilho integralmente da proposta de Zumthor — se a intenção é criar novas leituras do passado, é preciso entender os entremeios da linguagem e sua possibilidade de saber dizer com inteligência as coisas, ampliando as formas de percebê-la e as conexões que ela permite. É preciso perceber os movimentos, as formas como os autores entram e saem de um texto, como costuraram a escrita pelos seus argumentos, para, então, buscar algo novo, em um esforço crítico. Talvez seja por isso que seguimos interessadas/os no passado greco-romano, porque, de certa forma, esses antigos se confundem com as maneiras como pensamos, essas relações são historicamente complexas e precisam ser mapeadas, discutidas e confrontadas, como propôs Mary Beard. Se fazem parte de nossa cultura, fazem parte de como constituímos o mundo no presente e no passado. É fundamental estarmos atentos a esses processos e, no caso, nós, mulheres, brasileiras e latino-americanas, de tantas origens distintas, podemos e devemos refletir sobre nosso lugar e papel neste processo. É um desafio, mas pelos debates acalorados em sala de aula, tenho certeza de que muitas outras contribuições inovadoras podem surgir. Acreditando, portanto, na importância da imaginação crítica para a construção de novas leituras e posições no mundo, encerro a presente reflexão com expectativa de outros futuros possíveis, menos autoritários e mais igualitários.

GARRAFFONI, R. S. The Matron of Ephesus and the Soldier: a reading on laughter, language, and power in the Roman past and our present. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 1, p. 299-312, 2022.

Referências

Filme

FELLINI-SATYRICON. Direção: Federico Fellini. Produção: Alberto Grimaldi. Roteiro: Federico Fellini e Bernardino Zapponi (sobre romance *Satíricon*, de Petronio). Direção de fotografia: Giuseppe Rotunno. Itália: Produzioni Europee Associate (PEA), 1969. 129 min., color.

Bibliografia Citada

BEARD, M. *Confronting the Classics: Traditions, Adventures and Innovations*, Londres: Profile Books, 2013.

BEARD, M. *Mulheres e poder: um manifesto*. Tradução de Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BORTULUCCE, V. B. O Manifesto como poética da Modernidade. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, 20(21), p. 5-17, 2015. (doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i21p5-17).

CAMPANA, M. S. Mulheres, poder e os incômodos best-sellers. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 27 (1), p. 1-4, 2019. e56487 (doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n156487).

FELLINI, F. *A arte da Visão*. Conversas com Goffredo Fofi e Gianni Volpi. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FUNARI, P. P. A.; GARRAFFONI, R. S. Gênero e conflitos no *Satyricon*: o caso da dama de Éfeso. *História*. Questões e Debates, v. 48/49, p. 101-117, 2008.

GARRAFFONI, R. S. *Bandidos e Salteadores na Roma Antiga*. São Paulo: Editora Annablume / FAPESP, 2002.

GARRAFFONI, R. S. *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*. 1ª ed. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2005.

GARRAFFONI, R. S. *Os Antigos Gregos no acervo do Museu Paranaense: Recepção dos Clássicos, Poesia Simbolista e Política*. Curitiba: SAMP/Museu Paranaense, 2018.

GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A. As vozes das mulheres no início do Principado Romano: Linguagem, discursos e escrita. In: GARCÍA SANCHES, M. e GARRAFFONI, R.S. (Orgs.) *Mujeres, Género y Estudios Clásicos: un dialogo entre España y Brasil*. Barcelona: Universidade de Barcelona, pp. 281-292, 2019.

GARRAFFONI, R. S. *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas*. 2. Ed. ampliada e revisada. Curitiba: Editora da UFPR, 2021.

GARRAFFONI, R. S.; BONADIO, M. C. Quando os antigos romanos entram em cena: corpos, vestimentas e masculinidades no cinema, manuscrito inédito

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 157-212, 2019.

HARDWICK, L. *Reception Studies*, Oxford: OUP, 2003.

LEMINSKI, P. *Metaformose: uma viagem pelo imaginário grego*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

PETRÔNIO. *Satíricon*. Tradução de Cláudio Aquati. São Paulo: Editora 34, 2021.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Edição bilíngue. Tradução e posfácio de Sandra Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.

PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução e posfácio de Paulo Leminski. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SANCHES NETO, M. *A Reivindicação da província: a revista Joaquim e o espaço da estreia de Dalton Trevisan*. Tese (Doutorado em Letras). Campinas: IEL/UNICAMP 1998 (<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1586019>).

VETRO, G. *Fellini e la Moda*. Percorsi di stile da Casanova a Lady Gaga. Milão: Pearson, 2015.

WALSH, P. G., *The Roman Novel*. Londres: Cambridge University Press, 1995.

WYKE, M. *Projecting the past*. Ancient Rome and History. Londres: Routledge, 1997.

ZUMTHOR, P. *Escritura e nomadismo*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.